



Ativismo digital e posicionalidade das narrativas veganas no *Instagram*: um estudo do Movimento Cultural Afro Vegano no Brasil

Arthur Saldanha dos Santos

Ativismo digital e posicionalidade das narrativas veganas no *Instagram*: um estudo do Movimento Cultural Afro Vegano no Brasil¹

Digital activism and positionality of vegan narratives on Instagram: A study of the Afro Vegan Cultural Movement in Brazil

Arthur Saldanha dos Santos²

Resumo: Os ativismos veganos têm se intensificado nos últimos anos, bem como apresentado configurações múltiplas em diferentes realidades de interação e como manifestações difusas em termos de pautas e ações. É nessa perspectiva que se insere o Movimento Afro Vegano no Brasil. O objetivo aqui é compreender como são construídas as lutas pela visibilidade da população negra vegana, amparadas no direito de existência e autonomia alimentar desses povos. A análise foi de 23 perfis de usuários no *Instagram* vinculados ao movimento. Como resultado parcial, o estudo aponta para a consolidação de uma alternativa dentro dos veganismos que pauta a condição alimentar e o estilo de vida como estratégias na promoção das liberdades humana e animal. O enfoque central adotado pelo ativismo afrovegano é sobre as desigualdades sociais relacionadas à alimentação, buscando problematizar as questões de raça, classe e gênero nos veganismos e os sistemas alimentares gerais. Ademais, o afroveganismo tem lutado em torno da justiça e equidade alimentar, promovendo a necessidade de ampliação das práticas e rotinas relacionadas à sustentabilidade dos sistemas alimentares.

Palavras-chave: Afro Veganismo. Ativismo Digital. Movimento Cultural.

Abstract: Vegan activism has intensified in recent years, as well as presenting multiple configurations in different realities of interaction and as diffuse manifestations in terms of agendas and actions. It is in this perspective that the Afro Vegan Movement in Brazil is inserted. The objective here is to understand how the struggles for the visibility of the black vegan population are built, supported by the right of existence and food autonomy of these peoples. The analysis was of 23 user profiles on Instagram linked to the movement. As a partial result, the study points to the consolidation of an alternative within veganisms that guides the food condition and lifestyle as strategies in the promotion of human and animal freedoms. The central focus adopted by Afrovegan activism is on social inequalities related to food, seeking to problematize issues of race, class and gender in veganisms and general food systems. In addition, Afroveganism has fought for food justice and equity, promoting the need to expand practices and routines related to the sustainability of food systems.

Keywords: Afro Vegan. Digital Activism. Cultural Movement.

¹ O artigo apresentado é resultado das discussões que emergiram a partir de sua apresentação no 44º Encontro Anual da ANPOCS (2020), no GT 41 “Sociologia da Alimentação, da Comida e do Comer: Temas emergentes”. Além disso, apresenta resultados parciais da tese de doutorado do autor principal.

² Doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, com bolsa financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES. Tem interesse em estudos sobre culturas alimentares digitais e ativismos alimentares. ORCID: [0000-0002-3452-8669](https://orcid.org/0000-0002-3452-8669), E-mail: arthursaldanha.ufrgs@gmail.com



Ativismo digital e posicionalidade das narrativas veganas no *Instagram*: um estudo do Movimento Cultural Afro Vegano no Brasil

Arthur Saldanha dos Santos

Introdução

A crescente discussão nas mídias sociais sobre a necessidade de um veganismo mais acessível e inclusivo em termos de participação social tem estimulado a produção científica dirigida à compreensão das configurações assumidas pelos movimentos veganos (BAKER; WALSH, 2020). Esses movimentos apresentam como eixos centrais em seus ativismos, as críticas dirigidas à exploração animal pelo sistema capitalista, bem como as condições alimentares precárias das populações (AFRIKA, 2004; 2013; HAVEWALA, 2020; NIEDERLE; SCHUBERT, 2020; FUENTES; FUENTES, 2021).

Na *internet*, as ações nesse tipo de ativismo vegano têm buscado integrar diferentes pautas que circundam o autorreconhecimento dos sujeitos e as problematizações elencadas pelos participantes, como ambientalismo, feminismo, racismo, especismo³, dentre outros (SANTOS, 2020; 2021). Essas condições extrapolam os enfoques dados pelos movimentos em suas práticas sociais, cujas orientações não se restringem apenas aos enfoques da dieta, defesa do bem-estar e direito dos animais (COLE; MORGAN, 2011; SORDI, 2011; PEREIRA, 2014; BRUERS, 2015; COLOMÉ, 2018; GREENEBAUM, 2018; NIEDERLE; SCHUBERT, 2020), apresentando ramificações e incorporações de outras pautas nos ativismos.

Essas interseccionalidades vivenciadas em cada grupo apresentam o encontro de múltiplos sistemas de opressão (raça, sexualidade, gênero, classe, dentre outros). As plataformas digitais têm sido acionadas como recurso na interrelação entre os sujeitos, movimentos e o público geral, cabendo destacar nesse estudo, ainda que de maneira limitada, a sua importância no recente processo de celebração de influenciadores digitais (LEWIS, 2010; DRIESSENS, 2013; SANTOS, 2020), assim como na conexão,

³ O especismo é uma categoria dentro dos veganismos que caracteriza a superioridade dos animais humanos sobre os animais não humanos. Os humanos são percebidos como espécies superiores que desconsideram as dores dos animais não humanos, se colocando em primeiro plano na hierarquia animal. No livro *Libertação Animal*, de autoria de Peter Singer (2010), a marcação da diferença entre as espécies é apresentada como responsável pela constituição do termo especismo. Para o autor, todos os seres vivos, mesmo que distintamente, são capazes de sentir e sofrer. A obra sugere que a exploração de animais deve ser percebida como crueldade e, em vista disso, combatida pela sociedade por meio do antiespecismo.



Ativismo digital e posicionalidade das narrativas veganas no *Instagram*: um estudo do Movimento Cultural Afro Vegano no Brasil

Arthur Saldanha dos Santos

ampliação e discussões de pautas voltadas para alimentação e estilo de vida (LEWIS, 2008; JOHNSTON; GOODMAN, 2015; DOYLE, 2016; PILAR et al., 2021).

A partir dessa contextualização, o artigo tem por objetivo discutir como são construídas as lutas pela visibilidade da população negra vegana. São lutas amparadas no direito de existência, visibilidade e autonomia alimentar desses povos, contando com a construção cotidiana de discursos e símbolos junto ao Movimento Afro Vegano (TERRY, 2014). Esse movimento surge no Brasil como um caminho alternativo dentro dos veganismos, buscando o fim do racismo, a não opressão animal e a inclusão de pessoas negras e marginalizadas aos veganismos (DISCONZI; SILVA, 2020).

Do ponto de vista teórico, o artigo busca compreender a não dicotomia entre ação coletiva e estilo de vida quando se define movimentos sociais. A pesquisa é direcionada para os estudos mais recentes que abordam essa condição e delimitam o estilo de vida (*Lifestyle*), sobretudo os movimentos culturais, como fruto da condição mútua que permeia a ação individual e as práticas políticas, assumindo configurações difusas em termos de ativismos (BENNETT, 2012; CHERRY, 2014; KENNEDY, 2011). É o caso, por exemplo, dos movimentos veganos que são amparados em consumo socialmente consciente, contestatório e com implicações em mudanças sociais (CHERRY, 2014; HAENFLER et al., 2012). Esta linha de análise se fundamenta e está atrelada à condição dos ativismos digitais investigados neste estudo. As aproximações possibilitadas pelo ambiente digital podem ser compreendidas como essenciais, sobretudo para o público jovem, se configurando em uma ferramenta de formação identitária, interação e socialização de experiências individuais (CHERRY, 2014). A internet possibilita nos comportamentos de consumo dos usuários conectados, a orientação e reorientação de suas condutas pessoais na esfera pública em troca mútua (CHERRY, 2014; HAENFLER et al., 2012; KENNEDY, 2011).

O trabalho está organizado em seis seções. A primeira é dedicada à introdução da pesquisa. Na segunda seção discutem-se conceitualmente ativismos em plataformas digitais e estilo de vida. A terceira seção é dedicada para os processos metodológicos do estudo. Na quarta seção apresentam-se os ativismos digitais do Movimento Afro Vegano.



Ativismo digital e posicionalidade das narrativas veganas no *Instagram*: um estudo do Movimento Cultural Afro Vegano no Brasil

Arthur Saldanha dos Santos

A quinta seção é dedicada à análise dos contornos do movimento afro vegano no Brasil, com enfoque nas estratégias adotadas em torno da pauta alimentar. Finalmente, na sexta seção são apresentadas as considerações finais do trabalho.

Ativismo digital e movimentos de estilo de vida

Existem diferentes teorias que apresentam explicações para os movimentos sociais, prevalecendo a compreensão voltada para seu caráter político, com organizações interativas bem definidas e pautadas em reivindicações contrárias ao estado e seus representantes (HAENFLER et al., 2012). Para tanto, tradicionalmente a literatura voltada para movimentos sociais tem direcionado sua análise no engajamento militante dos sujeitos, cujo enfoque tem sido dado ao alinhamento identitário presente na relação entre o indivíduo e a organização de seu vínculo (RUSKOWSKI, 2018).

Após sua institucionalização no Ocidente em meados de 1960, os movimentos sociais apresentaram diferentes significados e configurações no mundo, tornando-se ponto-chave para discussões e controvérsias entre pesquisadores que se dedicam ao seu estudo (GOHN; BRINGEL, 2014; JOYCE, 2014). Essas modificações levaram à problematização e ampliação nos entendimentos dos contornos assumidos pelos movimentos sociais nos diferentes espaços e contextos, um processo acirrado com o advento das mídias digitais que apresentam possibilidades adicionais de interação.

Com um posicionamento crítico sobre os modos mais ‘tradicionais’ de estudo dos movimentos sociais amparados na centralidade às organizações, as análises focadas nos movimentos de ‘estilo de vida’ se apresentam como alternativas na análise das mudanças sociais, tendo como base o cotidiano de interação dos sujeitos e sua vida privada (CHERRY, 2006; HAENFLER et al., 2012; RUSKOWSKI, 2018).

Os movimentos de estilo de vida podem ser caracterizados a partir da centralidade na identidade pessoal dos sujeitos, das suas implicações em mudanças sociais e, por fim, a partir do seu caráter estrutural difuso nos diferentes contextos (HAENFLER et al., 2012). De maneira geral e antagônica aos estudos de movimentos sociais compreendidos a partir do seu sentido mais ‘tradicional’ de análise, “[...] a



Ativismo digital e posicionalidade das narrativas veganas no *Instagram*: um estudo do Movimento Cultural Afro Vegano no Brasil

Arthur Saldanha dos Santos

participação nesse tipo de movimento tem característica mais individualizada”, com “[...] o intuito de modificar práticas culturais e econômicas sem direcionar”, necessariamente, “sua ação para o Estado” (RUSKOWSKI, 2018, p. 60).

Entretanto, o enfoque adotado por este estudo não é sobre as ramificações evidenciadas na literatura sobre movimentos sociais e que apresentam diferentes lentes analíticas para os comportamentos sociais, mas sim, os ativismos digitais veganos. As reflexões desenvolvidas aqui buscam compreender as manifestações político-culturais nos espaços digitais via mídias digitais, como resultado da complexidade dos símbolos e significados fornecidos nesse tipo de interação e que apresentam a centralidade na identidade pessoal dos atores sociais (LEWIS, 2008; 2010; JOHNSTON; GOODMAN, 2015; DOYLE, 2016; CHERRY, 2014; LUPTON, 2015; 2020; NASCIMENTO, 2016; DRIESSENS, 2013; SANTOS, 2020).

As mídias sociais como o *Instagram* podem ser compreendidas como o palco de interação e de ação performática que possibilitam a formação e o desenvolvimento das identidades dos sujeitos sendo, portanto, espaços privilegiados para a manifestação dos significados e discursos atribuídos aos ativistas veganos e de suas vivências cotidianas (HAENFLER et al., 2012; CHERRY, 2014; PARIGI; GONG, 2014; LUPTON, 2020; SANTOS, 2020; SCOTT, 2020). Nos espaços digitais, as dimensões da vida cotidiana dos sujeitos (modos de produção e consumo, práticas sociais, posicionamentos políticos, rotinas alimentares, vestimenta, dentre outros) configuram-se em mecanismos que permitem a problematização das condutas sociais, a formação de redes de proximidade e a sua diversificação (PILAR et al., 2021; SANTOS, 2020; 2021).

Conforme é de amplo entendimento, as tecnologias de informação e comunicação proporcionaram novos modos de interação e vivência entre os indivíduos, apresentando uma fronteira tênue entre representação e ideologia (CASTELLS, 2013; 2015; MISKOLCI, 2016; MISKOLCI; BALIEIRO, 2018). Essas relações tecnologicamente mediadas, do ponto de vista sociológico, têm apresentado desafios nos aprendizados daqueles que se aventuram na compreensão e delimitação desse tipo de espaço de interação e trocas mútuas (LUPTON, 2015; NASCIMENTO, 2016; SKAGEBY, 2015; SANTOS, 2020). As



Ativismo digital e posicionalidade das narrativas veganas no *Instagram*: um estudo do Movimento Cultural Afro Vegano no Brasil

Arthur Saldanha dos Santos

relações proporcionadas por esses espaços digitais podem ser percebidas como cruciais para aqueles indivíduos que almejam novos estilos de vida ou que entendem a *internet* como arena ampliada para suas lutas.

Ao tratar da alimentação, por exemplo, as plataformas de mídias digitais além de subsidiar cursos de vida aos diferentes atores sociais envolvidos, possibilitam trocas de experiência reais entre esses usuários conectados, bem como moldam suas condutas para além desse mundo digital em uma constante troca de saberes e vivências (LEWIS, 2008; JOHNSTON; GOODMAN, 2015; DOYLE, 2016; LUPTON, 2020; SCOTT, 2020; FUENTES; FUENTES, 2021).

No caso do ativismo negro na *internet* em torno da alimentação vegana, a problematização da saúde dos negros tem sido acionada como estratégia de mudança social, hábitos alimentares e estilos de vida (SANTOS, 2020; 2021). Conforme apontado pela FAO (2020), a desnutrição está associada à pobreza e à alimentação de baixa qualidade, acometendo particularmente as pessoas negras de baixa renda, sendo necessárias práticas que levem à transformação dos sistemas alimentares, promoção de alimentos saudáveis e acessíveis para todos. Neste caso, urge repensar a saúde dos povos negros, tendo como parâmetro a crítica aos sistemas tradicionais de produção e comercialização de alimentos, o consumo prejudicial ao meio ambiente e a noção de bem-estar desses povos (AFRIKA, 2004; 2013; TERRY, 2014).

É preciso destacar que a *internet* tem remodelado não apenas as formas de sociabilidade entre os indivíduos, mas também tem influenciado nas conformações dos seus diferentes ativismos e ações performáticas no cotidiano de interação social (RAINIE; WELLMANN, 2012). Essa situação, com destaque para a ampliação e consolidação das mídias digitais nos atuais contextos, tem exigido dos estudiosos dos movimentos sociais ampliação dos seus repertórios teórico-metodológicos e elaboração de materiais que possam subsidiar as compreensões desses comportamentos em realidades difusas (EARL *et al.*, 2010; BENNETT; SEGERBERG, 2012; JOYCE, 2014; RUSKOWSKI, 2018; TARROW, 2005).



Ativismo digital e posicionalidade das narrativas veganas no *Instagram*: um estudo do Movimento Cultural Afro Vegano no Brasil

Arthur Saldanha dos Santos

Os espaços digitais, portanto, tornaram-se os lugares profícuos para a manifestação das rotinas cotidianas dos sujeitos. Desse modo, configuram-se em espaços positivos para a posicionalidade de narrativas, por meio das quais as reivindicações são compartilhadas entre os ativistas e os demais indivíduos ligados no processo de interação social digital, influenciando nos seus posicionamentos nas redes sociais e modificando seus comportamentos para além do universo digital (BOYD, 2010; MANN, 2020; PILAR et al., 2021).

O Método

Para compreender a configuração do Movimento Afro Vegano no Brasil, levando em consideração suas pautas defendidas e tensionadas nas plataformas digitais, a pesquisa analisou perfis de usuários no *Instagram*⁴ que se dedicam a este tipo de movimento, seguindo sua lógica de defesa e posicionamento social-político-cultural. No primeiro momento, a pesquisa partiu da identificação de perfis públicos de usuários que se declararam Afro Veganos. Entre os meses de março e julho de 2020 foram identificados e analisados 23 perfis com base em alguns critérios.

O primeiro critério foi a seleção dos perfis categorizados e descritos como Afro Veganos, na sequência, aqueles que seguem na modalidade de acesso público no *Instagram*. Entretanto, alguns desvios puderam ser observados nessas primeiras delimitações, uma vez que nem todos os perfis identificados eram de usuários vinculados ao movimento. Com solução, foi estabelecido contato pelo *direct* da plataforma com ativistas reconhecidos pelo pesquisador, na qual foi apresentado o estudo, bem como solicitado indicações sobre outros perfis de usuários vinculados ao movimento e que atendessem às especificações da pesquisa (perfil de ativista e modalidade pública).

A análise da estrutura desses perfis foi feita levando em consideração sua descrição, número de seguidores, frequência das postagens, reação dos seguidores a elas e possíveis intersecções, aproximações e distanciamentos de outros movimentos. Assim,

⁴ A escolha dessa mídia social se deu em função da maior presença das ações do movimento.



Ativismo digital e posicionalidade das narrativas veganas no *Instagram*: um estudo do Movimento Cultural Afro Vegano no Brasil

Arthur Saldanha dos Santos

foi desenvolvida a análise do discurso digital desses perfis, buscando identificar e descrever as pautas apresentadas pelos usuários ao público, em forma de *posts* ou *stories*.

Os *stories* foram acompanhados diariamente, já que se configuram em ferramentas digitais de divulgação com caráter transitório. As informações veiculadas nesse tipo de interação se deram em forma de vídeos, fotos e na modalidade perguntas e respostas. Para tanto, foram adotadas as mesmas estratégias de análise do discurso direcionadas às postagens⁵.

O discurso digital enquanto procedimento teórico-metodológico na sociologia permite ao investigador apreender manifestações político-culturais dos sujeitos na *internet*, com a utilização de ferramentas analíticas adequadas à realidade empírica (CHARAUDEAU, 2006; RECUBER, 2017; DIAS, 2018; SCOTT, 2020; PAVEAU, 2021). A análise do discurso digital tem possibilitado nas pesquisas sociais, o aprofundamento nos significados e símbolos produzidos pelos atores sociais no ambiente digital, ampliando a noção de interação social entre os sujeitos na contemporaneidade (LUPTON, 2015; SKAGEBY, 2015; PAVEAU, 2021).

Amparada em categorias e eixos de investigação, a pesquisa recorreu à etnografia em ambientes digitais como estratégia na coleta dos dados (acompanhamento e interação em *hashtags*, postagens, lives, enquetes, dentre outros). Esse estudo compreende as plataformas digitais como ambientes ou espaços onde também ocorrem as interações sociais cotidianas (LEITÃO; GOMES, 2017; MISKOLCI, 2016; MISKOLCI; BALIEIRO, 2018). Mais do que isso, as ações pessoais dos sujeitos nas plataformas digitais podem induzir e estimular as ações de outras pessoas espacialmente distantes, em um complexo processo de compartilhamento identitário, de crenças e estilos de vida

⁵ Foi utilizado o *Excel* para organizar as dimensões do interesse da pesquisa. Foram organizados em colunas os nomes dos usuários (quando disponível), sua descrição, número de seguidores, pautas apresentadas (a partir da descrição do perfil e compartilhamentos), conteúdo divulgado (se as postagens eram sobre pratos, receitas, vida cotidiana, eventos ou discussões sobre os veganismos) e, por fim, a idade do usuário (quando disponível).



Ativismo digital e posicionalidade das narrativas veganas no *Instagram*: um estudo do Movimento Cultural Afro Vegano no Brasil

Arthur Saldanha dos Santos

(LEWIS, 2010; MORIN, 2011; DRIESSENS, 2013; HINE, 2015; PRADO, 2015; ORTIZ, 2016; SANTOS, 2020; FACIOLI, 2021; PILAR et al., 2021).

Adotou-se a observação participante enquanto estratégia privilegiada na captação, imersão e coleta de dados ao longo da pesquisa nas mídias digitais, já que nessa estratégia o fluxo da circulação de mensagens é mais claro e condizente com a política de funcionamento da plataforma (LEITÃO; GOMES, 2017). Amparada nas técnicas de pesquisa em ambientes digitais elencados por Leitão & Gomes (2017), a pesquisa levou em consideração uma postura reflexiva na da coleta dos dados digitais no *Instagram*, cujos registros de impressões, emoções e sensações se deram com o auxílio do caderno de campo e captura de tela (*Print Screen*).

Em síntese, a presente pesquisa optou pela articulação das diferentes ferramentas analíticas do procedimento teórico-metodológico da *Sociologia Digital*, acionando os recursos da *Etnografia Digital* como alternativas na apreensão dos comportamentos dos sujeitos, emoções, interações, símbolos e significados das ações sociais na *internet*.

Ativismo Digital e posicionalidade narrativa dos afroveganos

O Movimento Afro Vegano envolve atores sociais de diferentes estados brasileiros. Na sua primeira publicação no *Instagram*, o MAV se apresenta como um grupo capaz de acolher indivíduos que dispensem todos os processos de exclusão social, sem diferenciações e que lutem tanto pela liberdade animal (humanos e não humanos) quanto pela preservação ambiental. Isso se justifica, nessa publicação datada de outubro de 2018, em função de práticas racistas dispensadas a uma pessoa negra e vegana no interior de uma loja vegana. Por meio de postagens, comentários e *lives* apresentadas pelos ativistas em suas mídias sociais, esse acontecimento trouxe à tona o racismo presente nos veganismos.

O movimento surgiu, conforme evidenciado em uma *live* de uma ativista do movimento no *Instagram*, em meados de 2018, com ações locais no Rio de Janeiro e, posteriormente, com ativismos no *Facebook*. Para tanto, não houve substituição na forma de praticar o ativismo, mas sim uma complementação entre os encontros da rua e as



Ativismo digital e posicionalidade das narrativas veganas no *Instagram*: um estudo do Movimento Cultural Afro Vegano no Brasil

Arthur Saldanha dos Santos

ações nas mídias. Em função do distanciamento social, devido a COVID-19, e engajamento com participantes de outros estados do Brasil, essa mesma ativista afirmou que o *Instagram* tem se configurado em um espaço privilegiado para o exercício dos ativismos em torno dos alimentos. Na perspectiva de Mann (2020) para ativismos digitais em torno dos alimentos, isso caracteriza a criação de ‘imagens participativas de alimentos’, nas quais exemplos de reconfiguração de práticas alimentares como cozinhar e comer se tornam o centro do discurso político.

Desse modo, os ativismos digitais do MAV em torno do alimento, bem como as conexões estabelecidas com outros movimentos nesses espaços, revelam o estreitamento da fronteira da esfera pública e privada da ação. Os ativismos do movimento, podendo ser caracterizados também como um tipo de ativismo alimentar, apresentam a interseção de diferentes pautas, conectando diferentes atores que exercem diferentes estratégias políticas.

Comer, afinal, é uma prática mundana emaranhada em diversas outras, como comprar alimentos, levá-los para casa, estocá-los, selecionar menus, preparar refeições e servir. Além disso, as rotinas alimentares estão ligadas a convenções de normalidade, como o amor, a sociabilidade e a parentalidade (PORTILHO, p. 425, 2020).

A questão racial levanta discussões e acirra debates dentro dos veganismos, possibilitando que as pautas alimentares sejam atreladas e tensionadas a partir de sua relação com o sistema capitalista de exclusão social. Em virtude disso, além de um debate qualitativo em termos de inclusão social dentro dos veganismos, o acesso aos alimentos se destaca como um assunto recorrente no *Instagram*. É um tema publicado pelo MAV, ativistas, público geral ou outros movimentos com ações próximas que reconhecem a necessidade de ampliação da temática em seus repertórios de ação.

É preciso destacar que racismo, lutas antirracistas e movimentos por igualdade racial no Brasil são temas que fazem parte de uma vasta literatura, sobretudo sociológica no país. Almeida (2019) defende que o racismo é uma manifestação normal e sempre estrutural, sendo um elemento presente nos aspectos históricos, organização política, jurídica, institucional e econômica de uma sociedade, devendo ser combatido



Ativismo digital e posicionalidade das narrativas veganas no *Instagram*: um estudo do Movimento Cultural Afro Vegano no Brasil

Arthur Saldanha dos Santos

pontualmente nas diferentes formas de sociabilidade das pessoas. Na perspectiva do feminismo negro, Carneiro (2011) pontua que o racismo é uma dimensão que está atrelada ao sexismo, e juntos têm estruturado as relações sociais, políticas e de gênero na sociedade brasileira, contribuindo para a perpetuação da desigualdade no país. Para Akotirene (2019), é preciso olhar para os sistemas de desigualdade social que excluem, diferenciam e hierarquizam as pessoas, sobretudo mulheres negras, a partir das diferentes opressões sofridas por esses indivíduos – a saber, as interseções a que está submetida uma pessoa marginalizada. E assim, traçar metas e definir pautas de luta e resistência.

Conforme observado, o sistema de desigualdade social e exclusão de grupos marginalizados estruturam-se na hierarquização dos indivíduos e sua opressão. Para Ribeiro (2017), essas práticas são alimentadas cotidianamente por meio do silenciamento dessas pessoas em seu cotidiano, nas rotinas mais básicas de interações sociais. Assim, a autora destaca em suas reflexões que produções intelectuais, práticas, saberes e vozes, sobretudo produzidas por pessoas negras, são aspectos inferiorizados e esquecidos na estrutura social. A alternativa nesse processo, segundo bem pontua Ribeiro (2017), é a oferta de visibilidade para essas pessoas marginalizadas, por meio da ideia de lugar de fala, uma vez que esses indivíduos apresentam repertórios e contribuições de práticas das opressões sofridas cotidianamente.

É nessa perspectiva que a posicionalidade narrativa do Movimento Afro Vegano se estrutura, buscando romper com a persistência de paradigmas de desigualdade social no exercício dos veganismos. O MAV apresenta, em termos práticos, alternativas na obtenção de alimentos acessíveis, socialização de experiências, reaproveitamento de alimentos, técnicas e aprendizados, bem como promoção do consumo consciente, justo e sustentável. São alternativas que visam excluir a opressão dos animais e exclusão social, contribuindo para a sustentabilidade, promoção da dignidade humana e o respeito à população negra com suas tradições e vivências (SANTOS, 2020; 2021). Os ativismos sugerem ainda, o resgate dos costumes e tradições que envolvem a ancestralidade dos negros em suas manifestações de estilos de vida, moldando simultaneamente



Ativismo digital e posicionalidade das narrativas veganas no *Instagram*: um estudo do Movimento Cultural Afro Vegano no Brasil

Arthur Saldanha dos Santos

comportamentos sociais em interação por meio da alimentação ou ideologias defendidas.

É possível encontrar ativistas do MAV em quase todos os estados brasileiros, sendo que as lideranças vivem em São Paulo, Rio de Janeiro e Bahia. No período de pandemia causada pela Covid-19, as ações do movimento foram dissipadas, em especial, via plataformas digitais como o *Instagram*⁶. Em novembro de 2020, o perfil do MAV contava com mais de 23 mil seguidores espalhados pelo mundo, já os ativistas, alguns com 70 mil seguidores. Presume-se, a partir das interações que ocorrem nas postagens e *lives* do movimento, que o alcance dos discursos do movimento e as conexões estabelecidas, são muito mais amplos do que essas fronteiras geopolíticas das plataformas digitais apresentam e delimitam.

O feminismo negro é uma pauta recorrente no exercício dos ativismos vinculados ao MAV, que é coordenado por um grupo de 5 mulheres negras. Não é por acaso, que o logotipo do perfil do movimento é a representação de uma mulher negra com expressão de fala (figura 1), sugerindo que se trata de uma mulher negra e ativista, contando ainda com os escritos “combatendo o racismo e especismo” na imagem. É necessário destacar que o MAV conta com a participação de pessoas ativistas, em quase sua totalidade, jovens com idades entre 20 e 34 anos (SANTOS, 2020; 2021).

Figura 1: Logotipo do MAV.



⁶ No ano de 2021, destaca-se um esgotamento dos ativismos digitais do MAV no *Instagram*. Conforme compartilhado por alguns ativistas, isso decorre principalmente em função do cansaço mental gerado pela pandemia, das angústias, das incertezas, da intensidade de ações digitais, embates políticos desnecessários, dentre outros fatores.



Ativismo digital e posicionalidade das narrativas veganas no *Instagram*: um estudo do Movimento Cultural Afro Vegano no Brasil

Arthur Saldanha dos Santos

Fonte: *Print Screen* do perfil no *Instagram*.

As configurações digitais dos ativismos do MAV têm sido tensionadas pelos participantes e usuários que interagem com o perfil na *internet*, implicado no surgimento de discussões sobre possíveis mudanças e articulações do movimento, conforme apontado pelo próprio MAV no *Instagram*. Assim, categorizadas como aproximações de interesses, convergências e interseções entre as diferentes frentes e ações dentro dos veganismos, buscando sua problematização, ampliação e reconfiguração (figura 2)⁷, foram analisadas as múltiplas pautas que permeiam as discussões internas e externas do MAV no *Instagram* ao longo do processo de interação.

Figura 2: Principais interseções do MAV.

Veganismo popular
Culinária africana
Agricultura orgânica
Ecologia
Ecoativismo
Outros
Feminismo
Movimento negro
Nutrição
LGBTQI+
Agroecologia
Vegetarianos
Ecofeminismo
Veganismo periférico
Gordofobia e veganismo

Fonte: Elaboração própria.

Essas representações caracterizam os posicionamentos assumidos pelos sujeitos na *internet*, bem como sinalizam as possíveis linhas de interesse do Afro Veganismo no exercício dos ativismos e vinculação política a determinadas temáticas. Entretanto, conforme apontam os resultados dos dados digitais coletados, pautas como antirracismo e antiespecismo se consolidam em defesas comuns a quase todos os usuários investigados, o que de certo modo atrela o ativismo de cada usuário, identidade pessoal, à identidade coletiva apresentada pelo movimento no *Instagram*. As pautas antirracismo

⁷ As aproximações entre as frentes (pautas) que ligam o Afro Veganismo aos demais movimentos, coletivos ou ativismos, foram identificadas por meio da análise das postagens dos perfis analisados, bem como a partir da recorrência e intensidade desses elementos nos *stories*, *hashtags* e *lives* desses perfis.



Ativismo digital e posicionalidade das narrativas veganas no *Instagram*: um estudo do Movimento Cultural Afro Vegano no Brasil

Arthur Saldanha dos Santos

e antiespecismo se confirmam, pois, em temáticas centrais na identidade coletiva do movimento, sendo compartilhadas estrategicamente de diferentes maneiras na posicionalidade das narrativas dos ativistas Afro Veganos à luz das interseções com outros movimentos.

Esse artigo contraria e problematiza o estudo de Greenebaum (2018), que apresenta o veganismo como um movimento social cada vez mais inclusivo e democrático. A luta antirracista apresentada pelo MAV entra como uma pauta contrária à persistente segregação racial presente em preconceitos, hierarquizações e exclusões nos veganismos, reforçando que é por meio da representatividade negra dentro dos veganismos, sobretudo feminina, que essas pautas são tensionadas na esfera pública.

Para o MAV, as pautas antirracismo e antiespecismo são inseparáveis nas rotinas e narrativas dos ativismos, uma vez que para lutar pelos direitos dos animais não humanos, requer a luta pela própria existência dos negros em embates diários em torno do racismo, nutricídio e feminismo enquanto processos de exclusão social. Os resultados apresentados neste artigo apontam para a persistência de inúmeras diferenças e uma luta ativa de determinados grupos para tornar o veganismo mais próximo às suas realidades socioculturais e econômicas. Com base nos estudos de Davis (2016), também é possível identificar a intersecção de raça, gênero e classe nos ativismos Afro Veganos, sendo necessário romper com lógicas opressoras.

Sobre os assuntos abordados pelos perfis no *Instagram*, há um destaque para a alimentação de qualidade, acessível e justa socialmente (que não esteja vinculada a um sistema de exploração). A condição alimentar está ligada às ações de conexão do MAV com outros movimentos sociais ou culturais, amparados na necessidade de dissipação de um veganismo cada vez mais popular, periférico e protagonizado por pessoas negras. Em síntese, essa condição trata-se de um olhar pontual sobre as estratégias de ativismo Afro Vegano, uma alternativa que inclua todas as pessoas, de modo particular os negros marginalizados que vivem em periferias.

As ações coletivas e humanitárias têm sido abordadas com frequência pelos perfis analisados, estimulando a dissipação da ajuda mútua em tempos de pandemia,



Ativismo digital e posicionalidade das narrativas veganas no *Instagram*: um estudo do Movimento Cultural Afro Vegano no Brasil

Arthur Saldanha dos Santos

sobretudo a partir do entendimento das contribuições dos veganismos na construção de sistemas alimentares sustentáveis (PETERSEN, et al., 2013; NIEDERLE; SCHUBERT, 2020; HAVEWALA, 2021). Essas ajudas assumem configurações diversas, seja por meio de doações, indicações de perfis com serviços *delivery* de alimentação vegana ou de orientações sobre a produção de alimentos em casa de forma sustentável.

A vida cotidiana dos ativistas, como preparação diária de alimentos, compras, lazer, anseios, conflitos, dentre outros, são alocados nos *stories* do *Instagram*. Já as informações filtradas e transmitidas ao público via *feed*, apresentam conteúdos não necessariamente ligados ao cotidiano desses indivíduos e seguem o intuito informativo, majoritariamente, centrados no engajamento social dos seguidores, busca de novos adeptos ao estilo de vida Afro Vegano e amparados na ampliação e profissionalização das páginas. Essas ações estão intrinsecamente ligadas aos interesses dos demais usuários, que ávidos por subsídios à sua formação identitária e processo de transição aos veganismos, ou estimulados por curiosidades, buscam nesses perfis complementos e orientação de vida, bem como indicativos sobre o manejo de estratégias para reunir, compartilhar, ver e ser visto na *internet* (BOYD, 2010; RAINIE; WELLMANN, 2012; SCOTT, 2020; PILAR et al., 2021).

Assim, a posicionalidade das narrativas dos ativistas Afro Veganos nas interações no *Instagram* revela o caráter performático, cultural e político das ações em torno dos veganismos. Tratam-se, pois, de performances sociais no ambiente digital, cujas centralidades são os padrões identitários e as interações entre os indivíduos, que tendem a contribuir para que estilos de vida sejam transmitidos, absorvidos e reproduzidos entre os atores sociais conectados (BAKER; WALSH, 2020; ROWE; GRADY, 2020; PILAR et al., 2021).

A alimentação em pauta no Movimento Afro Vegano

Nas postagens analisadas são abordadas questões de alimentação com enfoque no compartilhamento de receitas e fotos de refeições veganas ao público negro e periférico. Essas receitas são de alimentos adquiridos em feiras livres a um preço justo,



Ativismo digital e posicionalidade das narrativas veganas no *Instagram*: um estudo do Movimento Cultural Afro Vegano no Brasil

Arthur Saldanha dos Santos

compartilhadas no *Instagram* como um conjunto de estratégias, dicas e orientações aos usuários que seguem os perfis, sobre como acessarem alimentos baratos e de qualidade. Esse conjunto de ações deve ser compreendido como ativismo digital, ancorado na apresentação de soluções e orientações aos indivíduos conectados, bem como gerando troca de saberes por meio do compartilhamento de performance, culturas, narrativas e identidade (CHERRY, 2014; LUPTON, 2020; SCOTT, 2020).

As estratégias acionadas por esses indivíduos podem ser percebidas também como alternativas de engajamento na *internet*, centradas na ampla orientação de práticas e possibilidades de alimentação acessível para a população negra. Conforme sinalizado, as mídias sociais configuram-se no palco para discursos que abordam o *lifestyle*, boa alimentação, pratos perfeitos visualmente, ancorados na qualidade e sustentabilidade, modificando formas de relacionamento e identidades entre os sujeitos (BAKER; WALSH, 2020; BOZTEPE; BERG, 2020; BRAUN; CARRUTHERS, 2020; HAENFLER et al., 2012; KENNEDY, 2011; KENT, 2020; LUPTON, 2020; SCOTT, 2020).

A partir do extrato que segue é possível observar o exercício do ativismo digital vinculado ao movimento, refletindo sobre as atuais condições que englobam a alimentação das pessoas, sobretudo as pessoas negras. A passagem reforça o caráter político da alimentação e do consumo (PORTILHO, 2020), podendo ser definido como ativismo alimentar digital, e ainda sinaliza a formação de redes de proximidade entre pessoas marginalizadas na sociedade e que buscam amparo no apoio mútuo na *internet*.

[...] Por muito tempo eu fiquei pensando em tirar um projeto do papel onde a gente eu pudesse criar um grupo direcionado a pessoas negras que discutissem sobre a alimentação. Então, a jornada Akoma nasceu esse mês com o objetivo de trocar, a partir do livro *Nutricide* de Llaila Afrika. Resolvi compartilhar as fotos da caminhada que estamos trilhando juntos, dos sucos, das comidas gostosas que estamos fazendo para mostrar um pouco de como tem sido muito importante ter essa rede de pretos e pretas repensando as suas escolhas. Falar sobre nutríció é pensar na nossa história, do sequestro do nosso povo, da separação das nossas famílias, e de como estamos viciados* na cultura brankkka. Vivemos sobre essa dominação cultural que são as grandes indústrias/corporações com produtos e alimentos cheio de químicas que nos envenenam. E, por consequência, nos deixam doentes, e sustentamos a indústria hospitalar/farmacêutica. E no final, nós também morremos. Entender o nutríció que é o genocídio nutricional de pessoas pretas, para além da alimentação, e refletir nas nossas relações, e na construção/re-construção da



Ativismo digital e posicionalidade das narrativas veganas no *Instagram*: um estudo do Movimento Cultural Afro Vegano no Brasil

Arthur Saldanha dos Santos

nossa família, e de exercer nosso axé. De onde vem seu alimento? De que forma você tem acessado as tecnologias da sua família para resgatarmos nossos saberes?! [...] (Perfil D, 19 de maio de 2020, texto online).⁸

Orientado por tensões e manifestações opostas na disputa pelos espaços digitais e promoção identitária dos sujeitos engajados (BOYD, 2010), é possível verificar que os saberes tradicionais e medicinais desses povos são desacreditados como eficazes e adequados às populações. Cada vez mais essas práticas vêm sendo incorporadas ao exercício do racismo, portanto, rejeitadas, estigmatizadas, vinculados às práticas de intolerância religiosa e considerados ilegais em muitas nações (AFRIKA, 2004; 2013; TERRY, 2014; NOGUEIRA, 2020). Em contrapartida, ocorre ainda a apropriação cultural dos saberes tradicionais e medicinais dos povos negros por pessoas brancas, cujas finalidades tornam-se incompatíveis com a origem sócio-histórico-cultural dessas práticas (WILLIAM, 2019). Desse modo, o movimento tem pautado em forma de *lives*, *postagens* e *stories*, alimentação, o estilo de vida e as práticas cotidianas de vivência e interações baseadas na reconexão dos povos negros com sua origem e sua ancestralidade. Tais posicionamentos podem ser verificados na postagem de outra ativista no *Instagram*:

Comida de preto de verdade!!! 🤔 você já ouviu essa expressão? É comum esta frase vir associada com a demonstração da relação de um determinado tipo de alimento com a cultura negra. Na maioria das vezes essa relação é estabelecida da seguinte forma: A comida que se associa a cultura do povo negro é sempre carregada de ingredientes de origem animal, muita gordura e embutidos. Enquanto, alimentos in natura, frutas, vegetais, cereais integrais etc. são dissociados da referida gastronomia. Ocorre que, são esses mesmos alimentos, os quais reivindicamos como nossos, que vem nos mantendo diariamente e em sua grande maioria são fruto de uma herança colonial, tendo em vista que, quando olhamos para diversas dietas tradicionais Africanas, observamos uma centralidade muito maior nas plantas. Doenças crônicas como hipertensão, diabetes, problemas cardiovasculares são responsáveis por 74% dos óbitos no Brasil e afetam majoritariamente a pop. negra. Não há possibilidade de discutir essas questões sem abordar a cultura alimentar. O povo negro morre por diversas vias, e o Nutricídio é uma delas. O racismo estrutural tmb [também] apresenta muitas vertentes e atua, por exemplo, na construção social que afirma que um homem preto precisa 'bater uma feijoada' de manhã para ser forte. A feijoada, comida típica brasileira, foi criada no período colonial tendo algumas versões para sua história, uma delas é de que foi criada dentro das senzalas, com os restos de carnes que sobravam dos 'nobres'. Outras afirmam

⁸ Publicação de uma ativista do MAV no *Instagram*.



Ativismo digital e posicionalidade das narrativas veganas no *Instagram*: um estudo do Movimento Cultural Afro Vegano no Brasil

Arthur Saldanha dos Santos

que já existia em Portugal algo semelhante. Porém sendo uma coisa ou outra é um alimento colonial. Assim, ao longo dos anos, esse prato está presente na cultura alimentar brasileira em especial da população negra. Sendo também um belo exemplo de alimentos adoecedores. Se comer uma comida ruim é herança de um legado colonial escravocrata, alimentar-se com Alimentos saudáveis é um ato de resistência! Como ainda mantemos um paladar afetivo com vários desses pratos, que tal desenvolver versões saudáveis deles e nutrir nossos corpos de vida? A feijoada de hj teve cenoura, batata, cogumelo, linguiça vegetal, temperos defumados e os acompanhamentos 🍷 liberte-se 🍷❤️ (Perfil G, 20 de julho de 2020, texto online).⁹

Esse extrato ilustra as pautas defendidas pelo MAV, assim como pontua os diferentes interesses que se encontram interligados na posicionalidade das narrativas dos ativistas Afro Veganos à luz dos múltiplos sistemas de opressão. Essa narrativa sugere ainda, que além da interseção entre raça, classe e gênero, a politização da alimentação, da comida e do comer, assim como sua relação aos aspectos éticos e estéticos (PORTILHO, 2020) configuram-se em agendas urgentes nos ativismos veganos e movimentos correlatos.

Embora seja difuso, mas centralmente organizado, o MAV se dedica às práticas e códigos culturais que estruturam as dimensões da participação dos ativistas no *Instagram*. Para além do consumo ético e suas relações com a liberdade dos animais humanos e não humanos, há preocupações com os aspectos culturais e identitários de existência e resistência dos povos negros, gerando visibilidade para pessoas marginalizadas, luta por reconhecimento e justiça, e a modificação das noções de veganismos.

Adicionalmente, os estudos recentes de Niederle & Schubert (2020), indicam que os veganismos, por meio de suas práticas, ações e conexões em diferentes níveis, têm contribuído para moldar os sistemas alimentares sustentáveis na contemporaneidade. Essa contribuição pode ser compreendida como uma qualidade simbólico-cultural que influencia no atual contexto do consumo em massa, bem como na construção de reflexões e tensionamentos sobre a sustentabilidade associada à produção, comercialização e consumo de alimentos (GUIVANT et al., 2010).

⁹ Publicação de um ativista no *Instagram*.



Ativismo digital e posicionalidade das narrativas veganas no *Instagram*: um estudo do Movimento Cultural Afro Vegano no Brasil

Arthur Saldanha dos Santos

Com a maior integração entre os diferentes movimentos em torno da alimentação, sobretudo possibilitado pela conexão e alcance das mídias digitais, espera-se que maiores avanços sejam alcançados na promoção da sustentabilidade, saúde e vivência humana, bem como no fim das opressões e liberdades dos animais. Conforme sinaliza e complementa essa discussão o perfil L apresenta uma análise pertinente ao reforçar que:

É preciso entrar no mercado com olhar mais crítico. Descentralizar a compra de produtos de grandes empresas que exploram animais humanos e não humanos, destroem nosso meio ambiente... Repensar o modo como consumimos, saber de onde vem e quem faz nossa comida é importante demais. Existem diferentes realidades e o sistema sempre acha meios de fazer ficarmos 'sem opções', mas existem brechas em que podemos construir o futuro que queremos, com segurança e autonomia alimentar. Por isso, vá mais em feiras, agricultura familiar, tente comprar a maioria das coisas à granel. E saber que existem opções sim! Ao invés de comprar molho de tomate do mercado, você fazer molho caseiro bem gostoso; você pode fazer sua própria maionese/requeijão usando inhame, macaxeira/mandioca e assim por diante (Perfil L, 10 de junho de 2020, texto online).¹⁰

Esse extrato sugere que é possível compreender que as escolhas dos consumidores não dizem respeito apenas aos comportamentos psicológicos, mas também a toda a complexidade que envolve as mudanças presentes nas relações sociais. Assim, o estilo de vida carrega em si o caráter dual de conexão entre os indivíduos, correspondendo às diferentes práticas sociais cotidianas e, de forma mais específica, servindo de estímulo às escolhas e rotinas alimentares (OOSTERVEER et al., 2003; SPAARGAREN, 2003).

Considerações finais

Os ativismos veganos têm apresentado características peculiares na contemporaneidade, sobretudo a partir do advento das plataformas digitais como *Facebook*, *Instagram* e *Youtube*, entendidas como um tipo de extensão da vida cotidiana dos sujeitos em interação social (CHERRY, 2014; JOYCE, 2014; PARIGI; GONG, 2014; SCOTT, 2020; PILAR et al., 2021). Ainda que de forma provisória, este estudo se dedicou

¹⁰ Publicação de uma ativista no *Instagram*.



Ativismo digital e posicionalidade das narrativas veganas no *Instagram*: um estudo do Movimento Cultural Afro Vegano no Brasil

Arthur Saldanha dos Santos

ao entendimento da posicionalidade das narrativas performáticas do Movimento Cultural Afro Vegano frente aos diferentes sistemas de opressão, destacando suas relações com as rotinas alimentares compartilhadas digitalmente. Diante disso, as investigações sobre os Movimentos de Estilo de Vida (CHERRY, 2006; 2014; HAENFLER et al., 2012) foram acionadas como tentativa de apreensão desses comportamentos, uma vez que têm apresentado implicações sociais em realidades difusas de interação, engajamento e reconfigurações da própria noção de ativismos.

Na adoção dos veganismos como movimentos culturais de estilo de vida (CHERRY, 2006), em especial o caso analisado do Afro Veganismo, este estudo buscou dar ênfase às configurações difusas e subjetivas assumidas por esses movimentos e ativismos. Para o estudo de caso apresentado, destaca-se o compartilhamento de agendas, ações e estratégias articulando reflexões sobre as práticas alimentares na *internet*. Assim, os movimentos culturais de estilo de vida envolvem subjetividades, símbolos, culturas e identidades que juntos podem gerar mudanças sociais, evidenciando preocupações políticas, que podem seguir interligadas a outros interesses coletivos.

As manifestações dos ativistas do MAV no *Instagram* e suas interações com seus seguidores, embora sigam percursos diferenciados em termos de abordagem e transmissão de informações, atendem às mesmas lógicas identitárias defendidas pelo MAV como um todo, evidenciando o alinhamento entre o ativismo (subjetivo) e o movimento (coletivo). E neste caso, por articular ações da esfera privada (identidade pessoal) com a esfera pública (identidade coletiva), é possível notar complexidades em termos de manutenção da identidade do próprio movimento, ativistas e público geral. Diante disso, foi possível identificar ações que estão relacionadas aos interesses pessoais dos ativistas, mas intrinsecamente relacionadas às configurações mais gerais do movimento afrovegano, caracterizando um processo de ação interdependente. Ademais, por estar pautado em ações ancoradas nas identidades pessoais dos ativistas e suas ações subjetivas do cotidiano, percebe-se nos comentários dos seguidores que o movimento tende a não se caracterizar enquanto um movimento social, mesmo com a apresentação do afrovegano como um movimento na internet.



Ativismo digital e posicionalidade das narrativas veganas no *Instagram*: um estudo do Movimento Cultural Afro Vegano no Brasil

Arthur Saldanha dos Santos

Essas observações apontam que é preciso ter clareza sobre as ações desenvolvidas pelos movimentos na *internet*. Embora apresentem realidades parciais que caracterizem o dia a dia dos sujeitos, as plataformas digitais estimulam a construção de identidades individuais, merecendo ser abordadas cada vez mais pelo viés sociológico de forma crítica e pontual. A *internet* proporciona diferentes possibilidades para a pesquisa científica, sobretudo nos tempos atuais de avanço tecnológico e sua crescente aplicação nas rotinas das pessoas. Visto por essa ótica, pensar as interações humanas no universo digital é ampliar os horizontes de pesquisa e conectar-se com o presente e futuro das relações sociais que são cada vez mais digitalizadas.

Analisar movimentos sociais sob a ótica das plataformas digitais tem sido desafiador para os pesquisadores das ciências sociais, já que implica em contornos teórico-metodológicos inovadores, muitas das vezes controversos, mas que precisam ser articulados e voltados para a apreensão da realidade digital das sociedades (HINE, 2015; LEITÃO; GOMES, 2017; LUPTON, 2015; NASCIMENTO, 2016). Embora não tenha sido a intenção do presente estudo discutir a problemática desse tipo de estratégia de pesquisa social, salienta-se que as escolhas adotadas ao longo do desenvolvimento da pesquisa se deram a partir dos interesses de investigação, configurações do *Instagram* e a noção de ativismos adotada para o movimento analisado.

Sobre os limites, alcances, possibilidades e ampliação deste estudo, cabem algumas sinalizações. São necessários maiores aprofundamentos sobre o perfil dos ativistas do MAV, levando em consideração como se posicionam em relação aos saberes e práticas que outras gerações desenvolveram em torno da alimentação, identificando o que passou a ser inaceitável e o que é reapropriado como boas práticas herdadas. Além disso, é necessário relacionar esses saberes à noção de alimentação ancestral e nutricídio, que são termos utilizados pelos ativistas do movimento e que caracterizam suas lutas sociais nas plataformas de mídias sociais.

Da perspectiva racial, é importante entender como novas agendas são incorporadas aos ativismos negros, sendo uma pauta desafiadora nos estudos sobre racismo, lutas antirracistas e movimentos por igualdade racial no Brasil. Essa dimensão



Ativismo digital e posicionalidade das narrativas veganas no *Instagram*: um estudo do Movimento Cultural Afro Vegano no Brasil

Arthur Saldanha dos Santos

contribui para pesquisas correlatas que carecem de análise, como as configurações do afroveganismo e seus impactos na esfera pública. Somado a isso, conforme apontam os resultados da pesquisa, entendimentos sobre questão racial, gênero, justiça e equidade ligados à alimentação estão intrinsecamente relacionados com as agendas do Movimento Afrovegano.

Especificamente, os estudos sobre o protagonismo e a participação da juventude negra nos veganismos precisam ser ampliados, problematizados e estudados à luz das relações de gênero. No que as literaturas recentes de feminismos e estudos de gênero indicam, a temática vem ganhando cada vez mais destaque nos estudos das juventudes, tornando-se indispensáveis essas investigações centradas na interseção entre raça, gênero e classe.

Com a articulação das ferramentas analíticas do procedimento teórico-metodológico da *Sociologia Digital* com os recursos da *Etnografia Digital*, foi possível compreender como os ativismos digitais em torno do MAV têm apresentado explicações para a existência do movimento. Por meio das pautas defendidas e tensionadas, ações desempenhadas e repercussões na internet de ações vinculadas ao movimento, percebeu-se a existência de um conjunto de estratégias que buscam ampliar a luta social em prol da alimentação saudável, sustentável e justa. Assim, a justiça, especificamente, entra em cena no afroveganismo como uma pauta central que busca problematizar questões de raça, classe e gênero no veganismo.

Referências

AFRIKA, Llaila. **African Holistic Health**. EWorld Inc.; Revised, Expanded ed. edition, 2004.

AFRIKA, Llaila. **Nutritional Destruction of Black People**: Nutricide. Pennsylvania: EWorld; 2013.

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen (Feminismos Plurais, Coordenação Djamila Ribeiro), 2019.



Ativismo digital e posicionalidade das narrativas veganas no Instagram: um estudo do Movimento Cultural Afro Vegano no Brasil

Arthur Saldanha dos Santos

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen (Feminismos Plurais, Coordenação Djamila Ribeiro), 2019.

BAKER, Stephanie Alice; WALSH, Michael James. You are what you Instagram: clean eating and the symbolic representation of food. In: LUPTON, Deborah; FELDMAN, Zeena. **Digital Food Cultures**. New York, Routledge, 2020.

BENNETT, W. Lance. The Personalization of Politics: Political Identity, Social Media, and Changing Patterns of Participation. **The ANNALS of the American Academy of Political and Social Science**, n. 644, p. 20-39, 2012.

BENNETT, W. Lance; SEGERBERG, Alexandra. The logic of connective action. **Information, Communication & Society**, v. 15, n. 5, p. 739-768, 2012.

BOYD, Danah. Social network sites as network publics: affordances, dynamics, and implications. **Networked Self: Identity, Community, and Culture on Social Network Sites**, p. 39-58, 2010.

BOZTEPE, Suzan; BERG, Martin. Connected eating: servitising the human body through digital food technologies. In: LUPTON, Deborah; FELDMAN, Zeena. **Digital Food Cultures**. New York, Routledge, 2020.

BRAUN, Virginia; CARRUTHERS, Sophie. Workin gat self and wellness: a critical analysis of vegan vlogs. In: LUPTON, Deborah; FELDMAN, Zeena. **Digital Food Cultures**. New York, Routledge, 2020.

BREINES, Wini. "Community and Organization: The New Left and Michels' 'Iron Law'". **Social Problems**, v. 27, n. 4, 1980, p. 419-429.

BRUERS, Stijn. The Core Argument for Veganism. **Philosophia**, v. 43, p. 271-290, 2015.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Trad. Carlos A. Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CASTELLS, Manuel. **O poder da comunicação**. São Paulo; Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.



Ativismo digital e posicionalidade das narrativas veganas no Instagram: um estudo do Movimento Cultural Afro Vegano no Brasil

Arthur Saldanha dos Santos

CHERRY, Elizabeth. Veganism as a Cultural Movement: A Relational Approach. **Social Movement Studies**, v. 5, n. 2, 155–170, 2006.

CHERRY, Elizabeth. I Was a Teenage Vegan: Motivation and Maintenance of Lifestyle Movements. **Sociological Inquiry**, v. 20, n. 10, p. 1–20, 2014.

COLE, Matthew; MORGAN, Karen. Vegaphobia: derogatory discourses of veganismo and the reproduction of speciesism in UK national newspapers. **Sociology**, v. 62, p. 134-153, 2011.

COLOMÉ, Felipe Da Luz. **Consumo, política e engajamento**: uma análise sociológica do consumo contestatório vegano no Brasil e Canadá. Tese (Doutorado em Sociologia), Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, 2014.

DAVIS, Angela. **Mulheres, Raça e Classe**. Trad. Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

DIAS, Cristiane. **Análise do Discurso Digital**: Sujeito, Espaço, Memória e Arquivo. São Paulo: Pontes, 2018.

DISCONZI, Nina Trícia; SILVA, Fernanda Dos Santos Rodrigues. Movimento afrovegano e interseccionalidade: diálogos possíveis entre o movimento animalista e o movimento negro. Salvador: **Revista Brasileira de Direito Animal**, v. 15, n. 01, p. 90-108., 2020.

DOYLE, Julie. Celebrity vegans and the lifestyling of ethical consumption. **Environmental Communication**, v. 10, n. 6, p. 777-790, 2016.

DRIESSENS, Olivier. The celebritization of society and culture: Understanding the structural dynamics of celebrity culture. **International Journal of Cultural Studies**, v. 16, n. 6, p. 641-657, 2013.

EARL, Jeniffer; KIMPORT, Katrina; PRIETO, Greg; RUSH, Carly; REYNOSO, Kimberly. Changing the world one webpage at a time: conceptualizing and explaining internet activism. **Mobilization: An International Journal**, v. 15, n. 4, p. 425-446, 2010.

FACIOLI, Lara. Movimentos, ativismos feministas e precisões conceituais: o caso do feminismo digital. **Anais do 20º Congresso Brasileiro de Sociologia**, p. 1-14, 2021.

FAO. Transforming food systems to deliver affordable healthy diets for all. In: **The State of food security and nutrition in the world 2020 (part 2)**, 2020.

FUENTES, Maria; FUENTES, Christian. Reconfiguring food materialities: plant-based food consumption practices in antagonistic landscapes. **Food, Culture & Society**, p. 1-20, 2021.



Ativismo digital e posicionalidade das narrativas veganas no *Instagram*: um estudo do Movimento Cultural Afro Vegano no Brasil

Arthur Saldanha dos Santos

GOHN, Maria Da Glória; BRINGEL, Breno M. (Orgs.). **Movimentos sociais na era global**. Petrópolis, RJ: Vozes, ed. 2, 2014.

GREENEBAUM, Jessica. **Vegans of color**: managing visible and invisible stigmas. Food, Culture & Society. New York: Routledge, 2018.

GUIVANT, Julia Sílvia; SPAARGAREN, Gert; RIAL, Carmen. (Orgs.). **Novas práticas alimentares no mercado global**. Florianópolis: UFSC, 2010.

HAENFLER, Ross; JOHNSON, Brett; JONES, Ellis. Lifestyle Movements: Exploring the Intersection of Lifestyle and Social Movements. **Social Movement Studies**, v. 11, n. 1, p. 1-20, 2012.

HAVEWALA, Ferzana. The dynamics between the food environment and residential segregation: An analysis of metropolitan áreas. **Food Policy**, v. 103, 2021.

HINE, Christine. **Ethnography for the internet**: embedded, embodied and everyday. London: Routledge, 2015.

JOHNSTON, José; GOODMAN, Michael K. Spectacular Foodscapes: Food celebrities and the politics of lifestyle in an age of inequality. **Food, Culture & Society**, v. 18, n. 2, p. 205-222, 2015.

JOYCE, Mary. **Activism Success**: A Concept Explication. University of Washington, 2014.

KENT, Rachael. Self-tracking and digital food cultures: surveillance and self-representation of the moral 'healthy' body. In: LUPTON, Deborah; FELDMAN, Zeena. **Digital Food Cultures**. New York, Routledge, 2020.

KENNEDY, Emily Huddart. Rethinking Ecological Citizenship: The Role of Neighborhood Networks in Cultural Change. **Environmental Politics**, v. 20, n. 6, p. 843-60, 2011.

LEITÃO, Débora K.; GOMES, Laura Graziela. Etnografia em ambientes digitais: perambulações, acompanhamentos e imersões. **Revista Antropolítica**, v. 1, n. 42, p. 41-65, 2017.

LEWIS, Tania. Transforming citizens? Green politics and ethical consumption on lifestyle television. **Continuum: Journal of Media and Cultural Studies**, v. 22, n. 2, p. 227-240, 2008.

LEWIS, Tania. Branding, celebritization and the lifestyle expert. **Cultural Studies**, v. 24, n. 4, p. 580-598, 2010.



Ativismo digital e posicionalidade das narrativas veganas no *Instagram*: um estudo do Movimento Cultural Afro Vegano no Brasil

Arthur Saldanha dos Santos

LUPTON, Deborah. **Digital Sociology**. New York, Routledge, 2015.

LUPTON, Deborah. Understanding digital food cultures. In: LUPTON, Deborah; FELDMAN, Zeena. **Digital Food Cultures**. New York, Routledge, 2020.

LUPTON, Deborah; FELDMAN, Zeena. *Digital Food Cultures*. New York, Routledge, 2020.
MANN, Alana. Are you local? Digital inclusion in participatory foodscapes. In: LUPTON, Deborah; FELDMAN, Zeena. **Digital Food Cultures**. New York, Routledge, 2020.

MISKOLCI, Richard. Sociologia Digital: notas sobre pesquisa na era da conectividade. **Contemporânea**, v. 6, n. 2, p. 275-297, 2016.

MISKOLCI, Richard; BALIEIRO, Fernando De Figueiredo. Sociologia Digital: balanço provisório e desafios. **Revista Brasileira de Sociologia**, v. 6, n. 12, p. 132-156, 2018.

NASCIMENTO, Leonardo Fernandes. A Sociologia Digital: um desafio para o século XXI. Porto Alegre: **Sociologias**, nº. 41, p. 216-241, 2016.

NIEDERLE, Paulo André; SCHUBERT, Maycon Noremburg. HOW does veganism contribute to shape sustainable food systems? Practices, meanings and identities of vegan restaurants in Porto Alegre, Brazil. **Journal of Rural Studies**, n. 78, p. 304-313, 2020.

NOGUEIRA, Sidnei Barreto. **Intolerância Religiosa**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen (Feminismos Plurais, Coordenação Djamila Ribeiro), 2020.

OOSTERVEER, Peter; GUIVANT, Julia Sílvia; SPAARGAREN, Gert. Alimentos verdes e supermercados globalizados: uma agenda teórico-metodológica. GUIVANT, Julia Sílvia; SPAARGAREN, Gert; RIAL, Carmen. (Orgs.). **Novas práticas alimentares no mercado global**. Florianópolis: UFSC, 2010.

PARIGI, Paolo; GONG, Rachael. From grassroots to digital ties: a case study of a political consumerism movement. **Journal of Consumer Culture**, v. 14, n. 2, p. 236-253, 2014.

PAVEAU, Marie-Anne. **Análise do Discurso Digital**. São Paulo: Pontes, 2021.

PEREIRA, Matheus Mazzilli. **Enquadramentos interpretativos, lógicas de ação e dinâmicas interativas**: dilemas em interações entre o movimento dos direitos dos animais e a grande mídia. Dissertação (Mestrado em Sociologia), Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, 2014.



Ativismo digital e posicionalidade das narrativas veganas no Instagram: um estudo do Movimento Cultural Afro Vegano no Brasil

Arthur Saldanha dos Santos

PETERSEN, Paulo; MUSSOI, Eros Marion; DALSOGLIO, Fabio. Institutionalization of the agroecological approach in Brazil: advances and challenges. **Agroecology and Sustainable Food Systems**, v. 37, n. 1, p. 103-114, 2013.

PILAR, Ladislav; STANISLAVSKÁ, Lucie Kvasnicková; KVASNICKA, Roman. Healthy Food on the Twitter Social Network: Vegan, Homemade, and Organic Food. **Int. J. Environ. Res. Public Health**, v. 18, n. 7, p. 1-15, 2021.

PORTILHO, Fátima. Ativismo alimentar e o consumo político – Duas gerações de ativismo alimentar no Brasil. **Redes**, v. 25, n. 2, p. 411-432, 2020.

PRADO, Juliana Do. **Dos consultórios sentimentais à rede: apoio emocional pelas mídias digitais**. Tese (Doutorado), São Carlos: Universidade Federal de São Carlos - UFSCar, 2015.

RAINIE, Lee; WELLMANN, Barry. **Networked: the new social operating system**. Cambridge: The MIT Press, 2012.

RECUBER, Timothy. Digital discourse analysis: Finding meaning in small online spaces. In Jessie Daniels, Karen Gregory e Tressie McMillan Cottom. (Eds.). **Digital Sociologies**. Bristol: Polity Press, p. 47-60. 2017.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento (Feminismos Plurais), 2017.

RUSKOWSKI, Bianca De Oliveira. **Ativismo tecnologicamente mediado: transformações do ativismo em plataformas de mídias sociais**. Tese (Doutorado), Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS,, 2018.

ROWE, Pia; GRADY, Ellen. I see your expertise and raise you mine: social media foodscapes and the rise of the celebrity chef. In: LUPTON, Deborah; FELDMAN, Zeena. **Digital Food Cultures**. New York, Routledge, 2020.

SANTOS, Arthur Saldanha Dos. Contornos do movimento Afrovegano no Brasil: reflexões a partir dos ativismos nas mídias sociais. **Anais do 44º Encontro Anual da ANPOCS**, p. 1-19, 2020.

SANTOS, Arthur Saldanha Dos. Juventudes e ciberativismos: configuração comunicativa do movimento Afro Vegano no contexto brasileiro. **Anais do 20º Congresso Brasileiro de Sociologia**, p. 1-23, 2021.

SANTOS, Gabriela Pedroso Dos. **A nova celebridade e o processo de celebração de influenciadores digitais na mídia social Instagram: o caso Camila Coelho**. Dissertação



Ativismo digital e posicionalidade das narrativas veganas no *Instagram*: um estudo do Movimento Cultural Afro Vegano no Brasil

Arthur Saldanha dos Santos

(Mestrado em Sociologia), Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, 2020.

SCOTT, Ellen. Healthism and veganism: discursive constructions of food and health in an online vegan community. In: LUPTON, Deborah; FELDMAN, Zeena. **Digital Food Cultures**. New York, Routledge, 2020.

SINGER, Peter. **Libertação Animal**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

SKAGEBY, Jorgen Rahm. Interpreting online discussions: Connecting artifacts and experiences in user studies. **The Qualitative Report**, v. 20, n. 1, p. 115–129, 2015.

SORDI, Caetano. O animal como próximo: por uma antropologia dos movimentos de defesa dos direitos animais. **Cadernos IHU Ideias**, n. 147, 2011.

SPAARGAREN, Gert. Sustainable consumption: a theoretical and environmental policy perspective. **Society and Natural Resources**, v. 16, p. 687-701, 2003.

TARROW, Sidney. **The new transnationalactivism**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

TERRY, Bryant. **Afro-vegan: Farm Fresh, African, Caribbean & Southern Flavors Remixed**. Berkeley, CA: Ten Speed Press, 2014.

WILLIAM, Rodney. **Apropriação Cultural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen (Feminismos Plurais, Coordenação Djamila Ribeiro), 2019.